

---

## APRESENTAÇÃO

No atual modelo universitário, em que se presenciam demonstrações de ansiedade em demarcar territórios, em legitimar discursos, para poder com mais clareza excluir o que está fora das fronteiras demarcadas e dos discursos legitimados, os sujeitos das ciências disciplinares pretendem que as teorias podem ser disciplinas, ajudando a criar possíveis pretensões de controle monopolista – de outras cadeiras, departamentos e cursos – sobretudo sob certos conteúdos. Mas, como sabemos, a inserção de uma disciplina não se esgota nela mesma e nem na própria história de sua institucionalização, porque cada época tem suas convenções, valores, visões de mundo, formando um certo universo cujos elementos interdependentes mantêm entre si relações associativas e funcionais em constante processo de amadurecimento (SCHERER e BRUM DE PAULA, 2002).

Nas universidades brasileiras, e mais especificamente nas universidades sul-rio-grandenses segue-se uma divisão em departamentos que, mais do que uma solução administrativa, obedece a conjuntos de disciplinas que cobrem determinados campos do saber. No caso dos estudos lingüísticos que compõem um dos eixos centrais dos Cursos de Letras, a demarcação de territórios origina-se a partir de aspectos culturais-acadêmicos tais como: a política de formação para a língua; as concepções epistemológicas; a formação doutoral do seu corpo docente, demarcando, dessa forma, os territórios e, por conseqüência, definindo ementas, objetivos e programas.

Por extensão, a distribuição dos professores é feita de acordo com as disciplinas que lhes são atribuídas, aquelas nas quais são considerados – e consideram-se – especialistas. Os professores, por sua vez, transmitem aos alunos representações da descrição da língua e por conseqüência da Lingüística a partir desses territórios demarcadas mas depreendidos, quase sempre, a partir de representações de autores e de obras de referência selecionados em uma subjetividade histórico-discursivo.

A Lingüística, tal como está definida neste contexto, possui posição privilegiada como fornecedora do suporte teórico-metodológico que serve às disciplinas que trabalham com a

---

linguagem e com descrição das línguas nacionais de modo mais específico. No entanto, a história do pensamento lingüístico normalmente é concebida como consistindo de períodos com rupturas mais ou menos bem definidas, segundo SCHLIEBEN-LANGE (2000). E cada época tem seu quadro de referência, cada época tem sua história disciplinar, mas como afirma Derrida (2002) *se a palavra “história” não carregasse consigo o tema de uma repressão final de diferença, poderíamos dizer que a diferença por si só é história de cabo a rabo, e desde o principio.*

É nessa ordem discursiva de distribuição e de demarcação que a Lingüística vem se mantendo desde os anos 50/60, período de fundação dos cursos de Letras nas universidades rio-grandenses como as da UFRGS, da UFSM, da PUC/RS. Mesmo se tornarmos os cursos que começam um pouco mais tarde como é o caso da UNISINOS, da UFPEL e da FURG, esses territórios são mais ou menos homogêneos aos primeiros. Já naqueles cursos que surgem nos anos 70/80, essa ordem constitui-se diferentemente: a Lingüística vem se juntar ao ensino da Língua Portuguesa e na maioria das vezes elas confundem-se, justapostam-se ou até sobrepõem-se. Não sabemos mais quando como começa uma e quando termina a outra.

Como acontece essa justaposição e o porquê dela? Qual a relação dessa constituição com a formação do sujeito professor? Seria pela falta de determinação lógico-discursiva dessa fronteira disciplinar, que faria com que se crie uma cultura de uma outra fronteira? Que tipo de discurso sobre o lingüístico essa nova disciplina produz? Que tipo de entendimento disciplinar dela pode-se depreender? Para nós, o entendimento dessas questões nos permite analisar o papel da formação em Letras na institucionalização dos ditos territórios de estudos da língua e da lingüística, tal como se afirmaram na universidade brasileira.

Considerando a história da Lingüística no Brasil e sua inclusão nos cursos de Letras e mais especificamente no Rio Grande do Sul, como elemento fundamental na afirmação de uma produção lingüística enquanto sistema disciplinar, é importante perguntarmos também como essa história se constitui? Quais são seus pressupostos teóricos no campo da teoria e dos conceitos? Quais são os métodos de que se utiliza para descrever e ensinar a língua quer seja ela estrangeira ou materna? E sobretudo quais são os sujeitos que contribuíram para essa institucionalização?

---

Corporificada em discurso, essa história ganha alguma autonomia: transforma-se, de certa maneira, em um argumento exposto a outros, passando a fazer parte de um diálogo contínuo, em que não nos reduz à imagem de nós mesmos, porque buscamos o outro nas próprias questões que propomos e sobretudo como nos ensina DE CERTEAU (1975) *Faire l'histoire c'est marquer un rapport au temps [...] Ce rapport n'est ni le premier, ni le seul possible. Ecrire l'histoire c'est gérer un passé, le circonscrire, organiser le matériau hétérogène des faits pour construire dans le présent une raison.*

É o caso da entrevista realizada com a professora **Leonor Scliar Cabral**, no dia 13 de novembro de 2002, pela mestranda Rosemary Candaten Xavier<sup>1</sup>. A importância de Leonor Scliar Cabral para a história das idéias lingüística e literárias no sul poderia ser resumida como: história de uma vida na história da Lingüística, pois como veremos na sua entrevista, a estrutura do saber acadêmico do sujeito Leonor representa um dizer de singularidade, de pontos distintos que se distribuem em um espaço correspondente – *em pontos de deriva* como diria ORLANDI (1998).

**Amanda Eloina Scherer**

GRPESQ/ CNPq Discurso, História, Gênero e Identidade  
Laboratório CORPUS

---

<sup>1</sup> Minha orientanda e bolsista da CAPES com o projeto de dissertação “História da Lingüística no sul” fazendo parte do Projeto Lingüística e História Literária no sul: estudos das idéias e organização da memória” PROADE/FAPERGS.